

"O Feitiço de Áquila"*

CARMEN SÍLVIA ÁVILA**

Trabalho em um Hospital Dia, cujo objetivo é propiciar a não cronificação de pacientes psicóticos, esquizofrênicos ou neuróticos graves.

A proposta de tratamento inclui terapia individual, familiar, Grupos de Terapia Ocupacional e Verbal, bem como favorecer o contato social. O paciente passa o dia na Instituição, devendo retornar, à noite, ao convívio familiar.

A equipe é constituída por Psiquiatras, Psicólogos, Terapeutas Ocupacionais, Assistentes Sociais, Enfermeiros e Auxiliares de Enfermagem.

Dentre os casos clínicos que atendo no local, apresento um que me levou a muitas reflexões a respeito da peculiaridade da Transferência e Contratransferência na psicose.

Para tanto, recortei algumas cenas que deram início

ao encontro terapêutico, descrevendo os sentimentos que me acompanharam, e, tomando por base os escritos de Piera Aulagnier, aventuro-me a uma possibilidade de entendimento.

Não apresentarei um histórico do caso, pois à medida em que surgem as falas do paciente acredito que ele mesmo possa se apresentar.

Nas reuniões técnicas com a equipe concluímos que o paciente, neste momento inicial, estaria se beneficiando mais dos trabalhos grupais e de sua terapia familiar, uma vez que estava sendo difícil o contato individual.

Em grupo, o paciente também se mantinha calado permitindo raro acesso ao seu mundo interior.

Desde o início, chamava minha atenção sua aparência *estranha* e distante.

* Trabalho de encerramento do 4º ano do Curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, 1994.
** Psicanalista pelo Curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

Nosso primeiro encontro

Após um mês de inserção no Hospital Dia, durante a comemoração do aniversário de um dos pacientes, Vitor se apresenta “nervoso” e insistindo com uma das Auxiliares de Enfermagem (que dentro da Instituição tem imagem materna) para que pintasse suas unhas de vermelho. Não se contentava com as explicações que recebia em relação à impossibilidade de ser atendido no seu pedido. Foi, então, que o chamei para tentar entender o sentido do que falava e o motivo de tamanho desespero.

Não havia explicação.

Alguém sugeriu que fizesse um contorno de sua mão em um papel e ali pintasse as unhas de vermelho. Ele negava, veementemente, qualquer outra possibilidade. (Assim como lhe era negado seu pedido). Percebi que não havia para ele, naquele momento, a possibilidade de uma *abstração*, de um “como se”.

Nenhum esforço em acalmá-lo atingia o mínimo êxito.

Insistentemente me surgia a seguinte questão: *Como estabelecer um “fio” com Vitor?*

Surgia, em minha mente, a caixa de esmaltes.

Sugeri uma proposta: – Vitor, se eu pintar suas unhas de vermelho, você concorda em retirar o esmalte em seguida?

Concordou prontamente.

Com muita ansiedade, peguei a caixa de esmaltes e propus que fôssemos para uma sala de atendimento individual. Imediatamente após eu ter pego a caixa de esmaltes, o paciente inicia o seguinte relato:

V – *Acabei de levar um fora de um homem. Disse que eu não me cuidava direito. Mas, me vingarei; ele não presta, me maltratou muito.*

Até quando eu vou ser ignorado?

Percebi que se estabelecia uma ligação entre nós. Estava me entregando a *chave* para que eu pudesse ter acesso ao seu interior.

Na sala, enquanto eu pintava uma de suas mãos, ele me contava o quanto era infeliz, que ninguém o considerava nem lhe dava atenção.

Ao acabar a primeira mão, minha ansiedade aumentou. Parei, impactada com aquela cena bizarra; olhei para ele e disse: – Sinto muito, não agüento mais. Sofro muito com isso.

Vitor responde: – *Não faz mal, eu também sofro.*

Propus que tirássemos o esmalte da primeira mão e, em seguida, eu pintaria a outra. Desta maneira, ficaríamos *meio a meio*.

E assim foi.

Enquanto pintava a segunda mão, o paciente já estava mais calmo e, no entanto, minha ansiedade aumentava.

Acabamos.

Olhou para a mão e disse: – *Pode tirar.*

Foi desta forma que estabeleci o contrato terapêutico com Vitor.

A partir de então comecei a atendê-lo semanalmente, com hora e local pré-determinados.

O primeiro aspecto que gostaria de ressaltar é o pedido de Vitor, endereçado para alguém que representava uma *imagem materna*. Para tanto, tomarei como base as contribuições de Piera Aulagnier.

Vitor faz uma demanda de atuação perversa para com ele – *pintar as unhas com esmalte vermelho, reconhecê-lo como mulher*. Demanda esta que, ao ser ouvida, estabelecerá uma lei que negaria a realidade. Em contrapartida é ouvido, mas é, também, estabelecido um limite (o meu). Ele pode ter um lugar, dividimos o sofrimento, mas continua sendo Vitor.

Aos poucos pude compreender que, naquele momento, a questão que se apresentava na sessão não era a respeito da identidade sexual de Vitor, mas a possibilidade de *ser*.

Nas reuniões familiares fora explicitado pela mãe, na presença do filho, o desejo de que este fosse uma mulher. E diz sua mãe: “Ao ver o seu sofrimento hoje preferia que estivesse morto, como fizeram dois parentes meus, com a mesma doença”. Em síntese, ou *é* como ela quer, ou não há possibilidade de *ser*.

O que, para ele, não se deu desta forma. Continua existindo, mas de forma caótica, sem poder ter uma identidade, não se reconhecendo... sofrendo.

A partir dos dados trazidos pela família, pode-se pensar que esta mãe não deu um lugar para este filho. Não havia projeto para ele. Não foi desejado, nem pode ser percebido enquanto pessoa, isto é, enquanto ser desejante.

A libido a que esta criança teria por direito, para que pudesse vir a ser, já estava comprometida com a manutenção do narcisismo materno. Me ocorre a

imagem de uma ostra, que retém infinitamente a pérola em seu interior, como se a pérola só existisse para dar testemunho da existência da ostra.

Vitor, portanto, não foi visto, pois a pérola permaneceu dentro e, através dessa escuridão, não se vê. Não houve para ele um olhar que lhe delineasse um contorno, uma forma, um sentido para si mesmo. Um primeiro espelho libidinal a partir do qual pudesse vir a se reconhecer.

Talvez, aí, a razão de sua fala perante o espelho:

“Me olho, mas não me vejo”.

Vitor “tampona” este não desejo de sua mãe com seu delírio. Os homens tornam-se maus e perseguidores e, através de uma falsa identificação, almejam ser como as mulheres: alvo de admiração.

Isto corrobora para que ele mesmo também se ignore e se mantenha longe da nossa realidade. A experiência de “*existir*”, parece ser insuportável para ele. Mesmo assim, procura uma ajuda.

Vitor faz aniversário

No dia vinte e um de dezembro, no final da tarde, Vitor me chama e se dirige à sala onde sempre o atendo; senta-se e me diz:

V – São treze anos de doença, várias internações. Meu nome é V.C.S. Tenho trinta e dois anos.

Fiquei muito surpresa. Era a primeira vez que ele se apresentava com seu verdadeiro nome e idade.

V – Tenho medo, acho que vou morrer. Vejo colorido.

Estica o braço em minha direção e seguro sua mão.

Joga-se no chão e pede que eu o ajude. Sente como se, com sua mão agarrada à minha, estivesse salvo.

Entre choro e desespero, diz:

V – *Eu nasci hoje, dia vinte e um de dezembro. Eu não passo desta noite. Vou morrer.*

Novamente minha surpresa, pois, por uma falha, aquela data passara despercebida no Hospital. Naquele momento, pensei, seria necessário emprestar-lhe o meu eu; garantir-lhe a vida.

Após mais alguns instantes, marco nova sessão para o dia seguinte, na primeira hora, afirmando que voltaríamos a nos encontrar.

Percebi que estava capturada por fortes emoções e iniciávamos uma grande travessia. Meu objetivo primeiro era mostrar-lhe que havia um lugar para ele (e também *dentro de mim*).

Com um intuito louco e onipotente, queria eu me emprestar e ocupar o papel daquela que poderia propiciar-lhe um encontro com a vida. Seu nome tomou “*forma, peso e densidade*” para mim.

A cada atendimento o que me importava era a possibilidade de Vitor vir a ser.

A minha primeira sensação era de sermos *um*. Eu “sabia”; é como se eu sentisse o que se passava com ele. Às vezes, eu tinha a impressão de poder traduzir aos demais o que ele queria dizer, e talvez precisasse fazer isso. Mas, o que estes impactantes sentimentos estariam me mostrando?

Através da Transferência e Contratransferência, pude compreender o que significa o caótico mundo de Vitor e pensar em algumas outras hipóteses.

Retomo as considerações de Piera Aulagnier, quando postula:

“O psicótico nos fala enquanto Ego-Ideal, e nós nos tornamos o objeto de sua introjeção (toda distância é anulada, já que é nele que nós estamos), ou ele nos fala enquanto Ideal de Ego...”

Refletindo a respeito dos pensamentos tão onipotentes que me invadiram, se por um lado os considere como propiciadores do “*encontro*” com este paciente e, tais sentimentos me impulsionaram a crer que eu poderia *refazer* o narcisismo que não houve, por outro, poderiam se revelar como um *engodo*, à medida que eu estivesse considerando somente o meu referencial. Sendo assim, numa atitude de violência, estaria eu direcionando-o para o que acreditava ser o melhor. Essa sutil diferença poderia provocar a ruptura de nosso vínculo.

Considerando outra vertente dos delírios de Vitor, onde, para ser feliz, deveria ser uma mulher, pois “*elas são fortes, sabem e podem tudo*”, penso que ele só pode ter como *alvo*, ser como aquela que o manteve cativo – sua mãe. Não poderia ser outra pessoa. Vive capturado por esse modelo feminino, “*tão poderosas, podem ter filhos para se defender*”.

De alguma forma, eu, apenas considerando o meu referencial, ainda que imbuída de compaixão por ele e querendo ajudá-lo, estaria também capturada por esta posição de poder.

Se, para encontrá-lo, alcançá-lo em sua distância, fora necessária a fusão, para compreendê-lo e buscarmos um sentido para suas vivências, fora fundamental uma separação; manter uma distância que demarcasse o meu limite e o dele. Dois contornos onde houvesse a marca da diferença do meu não saber sobre ele.

Restringir o meu querer a escutá-lo ajudando-o a atribuir o sentido perdido, não significou abandonar a função materna que desenvolvo com Vitor, como despertar sua atenção em relação aos cuidados pessoais, acompanhá-lo ao dentista (o que sempre lhe fora ameaçador) etc.

Desta forma, tenho sido testemunha da descoberta de Vitor a respeito de si mesmo.

A compreensão dos limites, no entanto, me fora imprescindível. Um deles norteia a minha percepção de como Vitor se vê no mundo; ou ele apenas se contenta em ser o *todo*, ou se sente um grão de areia perdido no fundo do mar sem chance alguma de se tornar uma pérola. À medida que vislumbro a necessidade desta separação, ocorre a possibilidade de uma outra lei que não seja a primeira instaurada por sua mãe. Surpresas se apresentam, atos falhos aparecem, as vivências de desintegração estão mais escassas.

Portanto, tem sido um caminho lento, que exige atenção e cuidado, para perscrutar esse mundo tão desconhecido e envolvente, com o intuito de chegarmos a um possível entendimento que lhe possibilite conviver um pouco melhor em nosso mundo.

Vitor – *Você já assistiu o filme “O feitiço de Áquila”?*

Carmem: – Como é a estória?

Vitor: – *Foi um feitiço, duas pessoas se transformavam em bicho. Durante o dia, a mulher vira uma águia e à noite volta a ser uma mulher. De dia, o homem é homem, e à noite vira um lobo. Eles nunca se encontram. ... Mas, tem um momento, onde eles quase se tocam...* □

Referências Bibliográficas

- AULAGNIER, P. Observações Sobre o Sentido Perdido. In *Psicose – Uma Leitura Psicanalítica*. São Paulo: Escuta
- *A Violência da Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. Neurose e Psicose. *S.E.*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago.
- *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose*. *S.E.*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago.
- *A Negativa*. *S.E.*, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago.
- LECLAIRE, S. Em Busca dos Princípios para uma Psicoterapia das Psicoses. In *Psicose – Uma Leitura Psicanalítica*. São Paulo: Escuta.
- *As Palavras do Psicótico*. In *Psicose – Uma Leitura Psicanalítica*. São Paulo: Escuta.

Carmen Sílvia Ávila

Rua Melo Peixoto, 121/21

03070-000 - São Paulo - SP - Fone: 8267692